



O mais recente romance de Enard passa-se num navio de cruzeiro atracado em frente à "Ilha dos Pavões", no lago de Wannsee, em Berlim

# As superfícies utópicas de Mathias Enard

Entrelaçando duas narrativas díspares no mesmo romance, Mathias Enard prossegue em "Desertar" uma reflexão sobre as marcas inscritas pela guerra na experiência humana

TEXTO JOSÉ MÁRIO SILVA

O escritor francês Mathias Enard (n. 1972) pertence à categoria dos autores de ficção para quem a estrutura narrativa assume uma importância capital. Por exemplo, o efeito avassalador e hipnótico de "Zona", o seu primeiro romance traduzido em Portugal, nascia da vertigem de uma única frase que atravessa perto de 500 páginas, acompanhando o monólogo interior de um espão de origem croata, "historiador da sombra", enquanto viaja de comboio entre Milão e Roma, transportando documentos numa maleta, com nomes de carrascos e vítimas das guerras na orla mediterrânica, e um palimpsesto de memórias na cabeça. Já em "Bússola", que venceu o Prémio Goncourt em 2015, acompanhamos a insónia

de um musicólogo obcecado com as visões, fascínios e estereótipos ocidentais sobre o Oriente, saltando entre múltiplas histórias suas e outras tantas evocações eruditas, viajando através delas, perdendo-se e reencontrando-se, enquanto tenta adormecer, entre as onze da noite e as seis da manhã, numa extraordinária experiência de leitura que dura precisamente — se a cronometrarmos — o tempo daquela intensa vigília. A estrutura de "Desertar", o romance mais recente (editado em França no ano passado), é muito mais simples à primeira vista. Em capítulos alternados, vamos lendo o que parecem ser dois livros distintos, na aparência fundidos, mas estanques, que talvez só coexistam por um obscuro desígnio

do seu autor. De um lado, o relato cru, lento, umas vezes austero, outras ostensivamente lírico, da jornada de um soldado desertor, em fuga para uma fronteira a norte que talvez o salve do horror da guerra e dos crimes que em nome dela cometeu, crimes nunca explicitados, mas como que impregnados no seu corpo e na sua mente. Do outro lado, uma narrativa sofisticada, em vários planos cronológicos, sobre um grande matemático alemão que sobreviveu ao Holocausto e preferiu ficar na RDA, figura maior da ciência do século XX a quem é dedicado um funesto colóquio de homenagem, a bordo de um cruzeiro fluvial chamado Beethoven. Enard faz questão de sabotar as expectativas do leitor e não estabelece qualquer ponto de contacto evidente entre as duas histórias. Paradoxalmente, isso não põe em causa a sua complementaridade, antes a acentua.

A história do soldado desertor, que assume ter passado para o campo dos vencidos, é uma vinheta bruta e telúrica, arrancada do chão e da natureza agreste, sobre o desamparo sem nome da guerra. Não sabemos nem em que tempo, nem em que lugar as coisas se passam. É só mais um dos conflitos bárbaros do século passado, um de tantos catalogados em "Zona". O soldado sem nome limita-se a sobreviver, regressando a custo a uma cabana que foi do seu pai, lá no alto da montanha, na geografia da sua infância. Ele é quase um arquétipo da miséria humana: imundo, esfomeado, sedento, com as botas a cheirar a merda e a certeza de ser a "menos pura das criaturas". O seu encontro com uma rapariga de 19 anos, a quem raparam o cabelo e humilharam na aldeia mais próxima (provavelmente por ter cedido à sedução do inimigo), sempre acompanhada por um burro que resiste a tudo, é um momento que expõe não apenas a violência pura do ódio, o seu carácter destruidor, mas também a possibilidade de um recuo, de uma suspensão, de um avivar qualquer dessa chama frágil que representa o sentido de humanidade.

O registo encantatório destes capítulos, em que por vezes as linhas se quebram, convertendo a prosa em poesia, em fluxo contínuo, contrasta com o estilo mais neutro da "outra" narrativa, centrada no navio de cruzeiro com

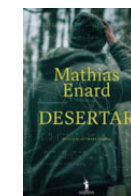
**Enard faz questão de sabotar as expectativas do leitor e não estabelece qualquer ponto de contacto entre as histórias, o que acentua a sua complementaridade**

nome de músico (o compositor da melodia escolhida para hino da União Europeia — pomenor não despiçando), ancorado no lago de Wannsee, diante da Pfaueninsel, a "Ilha dos Pavões". A narradora, Irina, filha de Paul Heudeber, o grande matemático homenageado no colóquio, escreve sobre esse encontro mais de vinte anos depois de ele ter ocorrido. No presente da narração, 2022, ela tem 71 anos e confronta-se com o regresso da guerra ao espaço europeu (invasão da Ucrânia pela Rússia), depois da pandemia, o que a leva a evocar novamente o pai, a sua natureza, a sua obra, o seu trajeto. O colóquio é cancelado a meio, porque acontece no dia 11 de setembro de 2001: as imagens televisivas dos aviões a colidir com as torres de Nova Iorque (e a suspeita de que a filha de um dos participantes pode ser uma das vítimas) suspendem tudo. Ao recordar aqueles dias passados em Berlim com os amigos e discípulos de Paul, mas sobretudo com a sua própria mãe, Maja, Irina recupera a complexidade da figura do pai, que morrera uns anos antes em circunstâncias suficientemente misteriosas para dar azo à possibilidade do suicídio. Dos depoimentos cruzados nasce o retrato polidédrico de um génio matemático, sábio e mártir que sobreviveu à perseguição nazi e a Buchenwald — onde escreveu, em estreitas tiras de papel, "As Conjeturas de Ertersberg", a sua *magnum opus*, com os seus teoremas e hipóteses expressos em forma de elegia, cruzando um trabalho científico radicalmente novo com comentários sobre a vida no campo de concentração e poemas de amor a Maja, algures "entre o desespero histórico e a esperança

matemática". Comunista "fervoroso até à insensatez" e teimoso "que nem um axioma", Heudeber decide ficar na RDA, mesmo quando Maja se muda para a Alemanha Ocidental na década de 1950, dando início a uma carreira política de sucesso, nas fileiras do SPD, enquanto figura da resistência e da democracia (apesar dos esqueletos que tem no armário, nomeadamente os passos antigos de uma ocultista "dança da traição", essa dança que nos protege da vergonha de confessar e que se impõe a alguns "nos momentos de mudança, nos tempos difíceis").

São muitas as camadas que vai escavando Irina — historiadora especialista em Naceraidim de Tus, um matemático e filósofo persa do século XIII, que assistiu à destruição de Bagdade, estando do lado dos invasores mongóis. Inúmeras as modulações sobre a ideia de "desertar": a forma como nos extirpamos da ignomínia, ou do passado, ou das ilusões revolucionárias, ou do amor, ou de nós mesmos. Variações, no fundo, do tema maior de Enard: o rasto tremendo que a guerra deixa em vidas humanas (mesmo naquelas que não a experimentaram em primeira mão).

No caso de Heudeber, corroído pela melancolia depois do colapso do Bloco de Leste e do Muro de Berlim (derrotado, dirá: "Talvez tenha cometido o erro de acreditar, de presumir que a Humanidade era feita para a paz, a partilha, a fraternidade"), é compreensível que o seu destino fosse a "reclusão" nos últimos anos de vida, a trabalhar em topologia algébrica e na descoberta de umas chamadas "superfícies utópicas". Conceito que para os leitores é, evidentemente, um tremendo exemplo de ironia. ●



★★★★

**DESERTAR**

Mathias Enard

D. Quixote, 2024, trad. de Joana Cabral, 228 págs., €18,80  
Romance